

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Hip-Hop, os novos sujeitos históricos.

Orientadora: Ivone Dias Avelino

Orientando: Zenildo Leal – RA 00090676

São Paulo

2015

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO.....	3
II - OBJETIVO.....	16
III - JUSTIFICATIVA	17
IV - METODOLOGIA.....	18
V - CRONOGRAMA	19
VI - REFERÊNCIAS BLIOGRÁFICAS.....	20
VII - ANEXOS	21

1 - INTRODUÇÃO

CIDADÃO, QUEM?

*Terra vermelha, casas mal acabadas,
Tijolo baiano, classe operária,
Vinda do sertão em busca de trabalho,
Construir família, prosperar em São Paulo¹.*

Essa é a cidade, ou pelo menos parte dela a qual tive acesso até os meus quinze anos de idade, quando adentrei ao mercado de trabalho, pois a cidade vendida e propagandeada nos meios de comunicações não era para todos. Ou pelo menos não para aqueles que não fazem parte desse espaço onde as ruas são vigiadas e monitoradas dia e noite.

Filho de pernambucana, que veio para São Paulo no fim dos anos 70 em busca de oportunidades na cidade que, até então, era sinônimo de cidade grande, vista como a cidade do “progresso”. A cidade que estava de braços abertos para aqueles que tinham como sobrenome o trabalho e que vislumbravam no mesmo a porta de entrada para a ascensão social.

Até aquele momento não conseguia entender, ou melhor, relacionar as políticas urbanas implantadas às questões sociais que permeavam e ditavam a rotina de bairros periféricos como aquele em que morava.

Aos dez anos de idade mudei com minha família para a o município de Suzano, cidade localizada na região metropolitana de São Paulo.

Como morador do município de São Paulo, poucas vezes ia ao centro, e quando o fazia, o máximo que chegava era em uma região com características de centro, com lojas, bancos, hospitais etc, resultado da descentralização apontada em *O espaço urbano* (CORRÊA, 1993, p.45), porém a mesma estava longe de fazer parte das decisões.

A mudança para Suzano levou-me a perceber que este município, por ser geograficamente menor, possibilitava maior integração física entre o centro e as regiões periféricas, porém esta proximidade não implicava em relações sociais mais harmônicas e muito menos em qualidade de vida equivalente, para moradores do centro e da periferia. O fato de Suzano ser um município de proporções menores comparativamente a São Paulo, não significa que os problemas também o sejam: a divisão territorial está presente, trazendo consigo a desigualdade e exclusão.

¹ Da onde vim... Pra onde Vamos... In: Vagabundo – Libere os pensamentos. Ktarse, Independente, 2009.

Uma questão que me chamou atenção nas incursões que fiz enquanto criança, nas chamadas “aventuras”, nome dado às peregrinações nos bairros vizinhos, que para nós era algo novo e surpreendente e que a cada nova aventura descobríamos um mundo diferente do qual estávamos condicionados, foi o fato de que muitos “muleques” com os quais tínhamos contato não sabiam onde ficava nosso bairro e identificavam a região central como espaço idealizado de possibilidades.

Como comentei no início, o que me fez ter contato com essa cidade no seu todo foi minha entrada no mercado de trabalho, que se deu através da Guarda Mirim, instituição que naquele momento significava minha grande oportunidade de superação das dificuldades financeiras familiares. Mas tarde, entretanto, acabei percebendo que a Guarda Mirim tinha, entre seus propósitos, o de formatar e formar os jovens para o mercado de trabalho. Foi assim que passei a ter características que me possibilitou a circular e usufruir do espaço urbano como cidadão, me apropriando da cidade.

Mas o que era ser cidadão?

O que me faria pertencer a esta cidade?

Perguntas como estas me inquietavam e me levaram a ver a cidade com outro olhar: um olhar mais crítico que a observava não mais como fonte de desejo, mas como espaço de conflito, no qual as desigualdades sociais sempre estiveram presentes apesar da construção de uma imagem idealizada de “cidade, o lugar das possibilidades”.

Durante o período em que trabalhei para a Guarda Mirim, integrei o quadro de funcionários de algumas empresas, de pequeno a grande porte. Mas uma coisa elas tinham em comum, a exploração da força de trabalho. Tanto que o salário pago aos “menores”², como eu, era duas vezes menor do que aquele pago a outros trabalhadores considerados pela Constituição Brasileira de 1988, responsáveis pelos seus atos.

Com isso passei a perceber que eu, assim como outros da periferia temos uma função, ou pelo menos um sentido dentro dessa cidade, que logo passei a conhecê-lo como “exército de reserva”³, assim sendo encarado como matéria prima, a qual se encontra sempre disponível a ser explorado, e não como sujeito atuante da mesma.

A partir dessa relação - centro/periferia -, entendi que para analisar a questão da cidade, temos que entender primeiro quem a ocupará, ou melhor, a quem ela está destinada: o cidadão.

² O termo “menor” aqui colocado foi usado de acordo com que estipula a Constituição Brasileira de 1988, conforme fixado no Artigo 228, reforçado pelo artigo 27 do Código Penal e pelo artigo 104 do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei nº 8.069/90).

³ Para uma análise mais aprofundada ver: KARL, Marx. *O Capital* – Livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. vol. 2.

Na Polis grega, a definição de indivíduo como cidadão não se resumia ao morador da cidade, mas sim ao indivíduo que, por direito, podia participar da vida política, estando ligado à propriedade de lotes agrícolas. Estavam excluídos desse direito, mulheres, escravos e estrangeiros. (ROLNIK, 2004, p.22). Neste sentido uma questão se coloca: em que medida a evolução histórica do conceito cidadão/cidadania ampliou-se a ponto de incluir todos aqueles que vivem nas cidades e qual o poder efetivo de decisão do cidadão na sociedade contemporânea? Afinal, grande parcela continua às margens das decisões que incidem diretamente sobre suas vidas.

A cidade do início dos anos oitenta do século XX, espaço ocupado pelos personagens desta pesquisa aprimora o modelo de monopólio do poder, onde a centralidade não se restringirá ao espaço físico:

Assim, o poder urbano, outrora fixado nas pedras do palácio, tornou-se menos visível, travestido em emissão eletrônica desprovida de dimensões espaciais.⁴

A redefinição do espaço do poder, também significa a redefinição da forma como ele será disputado, o rompimento dessas barreiras invisíveis se dar através da apropriação do terreno público, seja, por passeatas, comício ou até mesmo em festas populares.

Se levarmos em conta o que disse Roberto Lobato Corrêa referente a quem produz o espaço urbano, ao escrever que o espaço urbano capitalista,

[...] fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem o espaço, [...]⁵

entenderemos essa dinâmica, que é essencial para compreendermos as mudanças que vão se dar a partir dos anos 80 na formação e organização dos movimentos sociais, inclusive o movimento Hip-Hop, que se acenderam na luta pelos direitos negados e afanados na formação da República e aprofundados no golpe militar de 64.

A década de 80 é marcada por grandes mobilizações sociais na busca da abertura do regime e na cobrança do pagamento da dívida social, “pois estas visam, afinal de contas, o direito à cidade, à cidadania plena e igual para todos.”⁶

⁴ ROLNIK, Raquel. *O que é cidade?* São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 24

⁵ CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Editora Ática, 2ª edição, 1993, p. 11.

⁶ Idem, pág. 9.

Eder Sader⁷ nos proporciona um entendimento aprofundado sobre esse cenário ao dialogar com o texto do historiador Kazumi Munakata que afirmava que o

[...] acontecimento político mais importante do primeiro semestre deste ano⁸ não foi a indicação do general Figueiredo para a Presidência da República e a conseqüente crise do meio militar, nem o surgimento da candidatura dissidente do senador Magalhães Pinto, nem tampouco a articulação da Frente Nacional de Redemocratização. Foi, na realidade, a irrupção do movimento grevista, que, iniciado em meio a região do ABC (SP), rapidamente se alastrou pelos grandes centros industriais e urbanos do Estado, envolvendo centenas de milhares de trabalhadores e estendendo-se até os dias de hoje.⁹

O mesmo completa que a novidade veio através de,

[...] imagens, narrativas e análises referindo-se a grupos populares os mais diversos que irrompiam na cena pública reivindicando seus direitos, a começar pelo primeiro, pelo direito de reivindicar direitos.¹⁰

Assim como o próprio nos apresenta, “eles foram vistos, então, pelas suas linguagens, pelos lugares de onde se manifestavam, pelos valores que professavam, como indicadores da emergência de novas identidades coletivas. Tratava-se de uma novidade no real e nas categorias da representação do real.”¹¹

O surgimento desses novos personagens possibilitou não só o contestamento da ordem social vigente, mas principalmente o rompimento com a imagem estabelecida, a qual Eder Sader nos trás nas palavras do superintendente geral da Fiat no Brasil no começo dos anos 70:

A disciplina, a dedicação ao trabalho, o entusiasmo dos trabalhadores brasileiros contrastam profundamente com as agitações e convulsões que afligem atualmente todos os países desenvolvidos da área capitalista.¹²

⁷ SADER, Eder. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena: experiências, falas e lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª reimpressão, 1995.

⁸ O ano é 1978.

⁹ MUNAKATA, 1980, apud SADER, 1988, pág. 25.

¹⁰ SADER, Eder. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena: experiências, falas e lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª reimpressão, 1995, pág. 26.

¹¹ *Ibid.*, pág. 27.

¹² *Ibid.*, pág. 31.

Dentro deste espaço que se configura, não há rompimento simplesmente com a estrutura política vigente, mas também o ressurgimento dos movimentos sociais que foram silenciados, caçados e muitos exterminados.

Por outro lado o discurso que até então se resumia em considerar o trabalhador como fatores de produção, ganha uma nova perspectiva, na visão daqueles que “de onde ninguém esperava, pareciam emergir novos sujeitos coletivos, que criavam seu próprio espaço e requeriam novas categorias para a sua inteligibilidade.”¹³

Mesmo com toda essa agitação o que ganha destaque na mídia é a violência que até o momento parecia não existir, a mesma procura identificá-la, ou melhor, torná-la inerente a uma faixa da população, assim demonstrando caráter ideológico dos discursos que na sua grande maioria é utilizado para “caracterizar” o outro como ser violento, justificando a violência e a repressão policial.

Por outro lado a mesma mídia não levou em consideração o aumento significativo das mortes, que segundo o Ministério da Saúde¹⁴, teve um crescimento de 9% em 1980 para 12% em 1990, vindo a ser o dobro das que se sucederam nos Estados Unidos, fazendo o Brasil ficar atrás somente da Colômbia, tendo como vítimas jovens entre 15 e 29 anos de idade.

Esse processo nos trouxe novas dinâmicas em que os símbolos que a utopia liberal fomentou têm se alterado nos mais diversos planos, sejam eles culturais, econômicos e políticos.

O espaço que no início do século era dito como sinônimo de progresso e liberdade passa ser reconfigurado tendo,

*[...] suas imagens tomadas pela deterioração da qualidade de vida urbana, em que o temor da vitimização, tanto quanto a experiência direta dela, desmonta os operadores simbólicos com os quais se praticam os jogos sociais.*¹⁵

Apesar das transformações nas dinâmicas urbanas, a centralização do poder, tanto no espaço da cidade, bem como no âmbito intelectual propicia não só a continuidade de quem está no poder, mas também daqueles que almejam disputar quaisquer cargos na administração pública. Dessa forma, somente alteram-se as personagens imbuídas de conceitos universalizados de cidadania.

¹³ Ibid., pág. 36.

¹⁴ ZALUAR, Alba. “Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil”. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Historia da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. pág. 250.

¹⁵ Ibid., pág. 252.

PELO PÃO, PELA TERRA E PELA LIBERDADE

*Quantos manos se foram sonhando com o dia de hoje,
Ontem reais, agora lembranças, microfone.
Relata, ao mesmo tempo absorve as mágoas
Daqueles que não foram ouvidos pagos, nem de graça (...)*¹⁶

Como vimos a cidade não é para todos e muito menos os espaços de decisões, instrumento no qual se tem as discussões e definições das políticas públicas.

A luta para romper essa lógica tem levado milhares de pessoas a se organizarem das mais variadas formas em busca de alcançar os mais distintos objetivos, porém, aqui vou me ater ao movimento Hip-Hop¹⁷, fazendo um breve paralelo ao movimento MST para melhor compreendermos o contexto social no qual ele surge.

MST no campo e Hip-Hop na cidade! Talvez a olho nú não percebamos uma ligação entre os mesmos, porém, se observamos atentamente notaremos que existe um fio condutor que se não os ligam diretamente, propicia uma continuidade das transformações que, desde meados do século XX tem levado milhares de migrantes do campo para a cidade e de regiões menos favorecidas para os grandes centros, assim, configurando-o como o espaço do conflito e de luta desses que sempre estiveram à margem das decisões políticas.

Movimentos emergidos nos anos 80, que nascem e se consolidam praticamente ao mesmo tempo, com um diferencial, que o MST já nasce com uma causa política que é a questão da terra, e por outro lado o Movimento Hip-Hop adquiri características de movimento sócio-cultural ao decorrer de sua efetivação ao longo das décadas de 80 e 90: os mesmos proporcionaram uma nova dinâmica na disputa política.

O golpe militar de 64 interrompeu talvez um dos momentos mais importante para a concretização da Reforma Agrária no Brasil, mesmo com a primeira Lei de Reforma Agrária no Brasil – O Estatuto da Terra, decretada pelo novo presidente marechal Castelo Branco, representante do novo sistema político, a mesma só serviu para controlar as lutas sociais e desarticular os conflitos por terra.

Em 1985, o MST realiza seu primeiro congresso nacional em meio a movimentação em torno da campanha “Diretas Já”. José Sarney assume a Presidência e aprova o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), que visava a aplicação do Estatuto da Terra,

¹⁶ Sem nome IN: "Gueto Subversivo". Ktarse, Independente, 2011.

¹⁷ Movimento político-cultural criado por Africa Bambaata no Bronx, subúrbio de Nova York. No Brasil surgiu nos anos 80.

garantindo o assentamento de 1,4 milhão de famílias. A frustração foi que ao término do mandato apenas tinha assentado 90 mil famílias.¹⁸

Do outro lado os latifundiários se organizaram em torno da organização União Democrática Ruralista (UDR) atuando junto ao parlamento com a bancada ruralista, tendo a mídia como aliada e incentivando a violência no campo através do braço armado.

Conforme podem notar o MST não só se organiza como parte para a disputa política, aliás, já se tinha um direcionamento político para o qual se destinaria sua criação. Com esse objetivo em pauta a disputa não só passa a ser no campo com apropriações de terras que não cumpram sua função social, como também nas instituições governamentais.

A Constituição de 1988 trás dois artigos importantíssimos, frutos das pressões dos movimentos sociais, que fazem referência à função social da terra:

Art. 184. Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, mediante prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei.

Art. 186. A função social é cumprida quando a propriedade rural atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes requisitos:

I - aproveitamento racional e adequado;

II - utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente;

III - observância das disposições que regulam as relações de trabalho;

IV - exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores;¹⁹

Após 20 anos da eleição do primeiro presidente do novo regime político, Fernando Collor de Melo, pouco se conseguiu avançar na concretização da Reforma Agrária, o Brasil é o segundo país do planeta com maior concentração fundiária.²⁰ Isso pode nos explicar o amontoado de pessoas nas cidades, espaço no qual surge o Movimento Hip-Hop que se no primeiro momento não reflete sobre tal problemática, no seu amadurecimento começa a enxergá-lo:

Às vezes eu paro e reparo e começo a pensar,

¹⁸ Trajetória do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Revista dos Petroleiros, Paraná, Ano II, n° 3, pág. 04-07, 1° semestre. 2009.

¹⁹ Constituição Federal de 1988. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>> Acesso em: 24/09/2009.

²⁰ Trajetória do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Revista dos Petroleiros, Paraná, Ano II, n° 3, pág. 07, 1° semestre, 2009.

*Refletir sobre essa guerra e analisar
Os fatores, geradores da miséria,
Não tem como não esbarrar na questão agrária (...)*²¹

O trecho da música acima citado nos aponta o descontentamento com a penúria das periferias das metrópoles nos apresentando o fator gerador de toda a desigualdade social da qual são alvos. Em outras faixas do disco *Manifesto Popular Brasileiro*²² podemos notar a vontade de retornar para o interior, onde o lavrador passa a ser a figura principal, essa conhecida na “cidade grande” pejorativamente como caipira.

Spensy Pimentel, autor de uma das maiores referências bibliográficas do Hip-Hop brasileiro, *O Livro Vermelho do Hip-Hop*²³, a meu ver não simplesmente pelo conteúdo, mas sim pelo momento histórico no qual foi produzido, nos mostra o quanto o “clima era deprimente, especialmente na universidade. Não se via muita esperança além do MST e do Hip-Hop”.²⁴

1997 também ocorreu o lançamento do disco *Sobrevivendo no Inferno*²⁵ dos Racionais MC's, disco que vendeu mais de 1 milhão de cópias. Mas o que nos interessa é a impulsão que o mesmo deu ao Movimento Hip-Hop, que até então tinha pouca visibilidade nas grandes mídias. Com um discurso contundente e ao mesmo tempo rompendo com as estruturas mercadológicas, desperta o que parecia estar adormecido na juventude periférica.

Entoando um canto de esperança, de combatividade, de coragem, de revolta fez com que milhares de jovens transformassem o que até então era visto como pejorativo. Rótulos como “favelado”, “negro”, “marginal” foram revertidos e transformados em escudos, que logo se transformaram em lanças apontadas para aqueles que passaram a ser identificados como raiz de toda a desigualdade social.

Integrante do Movimento Hip-Hop da cidade de Suzano, Rodrigo nos permite entender melhor a transformação que aconteceu aos jovens, vendidos pela mídia como arruaceiros:

Antes de conhecer o Hip-Hop, as suas idéias e tal, eu não tinha a mínima reflexão do que era pensar a sociedade, pensar nos problemas, refletir o porquê nós estamos aqui e o qual é o nosso papel.

²¹ Mudar o Mundo IN: “Manifesto Popular Brasileiro”. Face da Morte, Face da Morte Produções, 2000.

²² Ibid., faixa - Caipira.

²³ PIMENTEL, S. O livro vermelho do Hip-Hop. Trabalho de Conclusão de Curso, ECA/USP, 1997.

²⁴ Spensy Pimentel. Entrevista com Spensy Pimentel. São Paulo, Site Bocadaforte. Disponível em: http://centralhiphop.uol.com.br/site/?url=materias_detalhes.php&id=667creditos.html Acesso em: 17/09/2009. Entrevista concedida a Dj. Cortecertu.

²⁵ Racionais MC's. Sobrevivendo no Inferno. São Paulo, Cosa Nostra, 1998.

Eu digo assim: que o Hip-Hop para mim trouxe algo que a escola não conseguiu fazer, que é o papel fundamental para qualquer ser humano, que é fazer a reflexão sobre si (próprio) e sobre a sociedade e o mundo.²⁶

Muito mais que um simples disco no mercado fonográfico, *Sobrevivendo no Inferno* despertou a consciência social, a qual até então se encontrava adormecida. Diferente dos projetos sociais realizados por “ong’s”²⁷ que em sua grande parte tem como principal justificativa a vulnerabilidade social, da qual seus atendidos são vítimas, esse disco proporcionou o rompimento com a estrutura vigente e a vontade de mudar o que até então parecia “imutável”.

Se o Partido dos Trabalhadores no início dos anos 80 nos apresenta novos sujeitos históricos como nos aponta Sader (1995), esse disco consolida o Movimento Hip-Hop, fazendo assim emergir novos personagens históricos, que diferente daqueles apontados por Sader, não tinham uma teoria para suas reivindicações, mas sabiam o quanto era sofrível viver às margens da sociedade.

Ao fazer o redirecionamento das discussões, o próprio Movimento Negro que o influenciou, através dos integrantes do Movimento Hip-Hop vê a discussão racial unida à questão social, disseminada na periferia, fazendo com que os jovens reverdecem o estereótipo criado e propagandeado, em orgulho, transformando-o em combustível para contrapor a situação da qual pertenciam:

*Hoje o ídolo é o careca, ou de Black, ou de trança,
Sei como é difícil pra você ver novela,
Com os carros com o rap no último na sua janela.
Enquanto você tava pondo silicone na sua vadia,
Fizemos a pivotada por 100% negro na camisa.
Hoje somos tipo as FARC’s, mas sem míssil ou escopeta.
Somos o exército de calça larga e bombeta [...]
[...] É necessário deixar pegadas nas labaredas da vida,
Pra está credenciado a está na nossa comitiva,
A lágrima secou e virou escudo de aço,
E o que para comer olhava carro hoje é soldado.²⁸*

“Meninos” e “Meninas” passam a fazer parte de discussões que seus pais poucos tinham acesso, ou nem sabiam que estavam sendo realizadas. Diferente de uma mera participação política esses jovens exigiam mudanças da estrutura social, contrariando algumas discussões que se limitavam em exigir a socialização do que a Constituição de 1988 garantiria.

²⁶ Rodrigo dos Santos Andreode. Entrevista realizada sob o método de História Oral. 26 set. 2009. Entrevista concedida a Z. Leal.

²⁷ Organização não governamental

²⁸ Estratégia (Participação Fação Central) In: Agonia do Morro. Consciência Humana. DRR. São Paulo, 2003.

Tanto o *Sobrevivendo no Inferno* quanto o *Manifesto Popular Brasileiro* aprofundam a discussão de rompimento com as velhas estruturas sociais, sendo que o primeiro propicia a nós uma profunda análise da situação das periferias de São Paulo nos anos 90 e o segundo busca nos fatos ocorridos até então explicar as circunstâncias geradoras das condições sociais da qual os moradores da periferia são alvos.

Outro disco de suma importância para entendermos tal ruptura é o *A Marcha Fúnebre Prossegue*²⁹ do grupo Facção Central, lançado após terem seu clipe censurado com a alegação de fazer apologia ao crime. Uma das músicas do disco que melhor nos aponta esse rompimento com a estrutura vigente, é a *Discurso ou Revólver*³⁰, onde se percebe os dois caminhos que permeavam as discussões da época:

*A favor do inimigo, repressão, desinformação.
O domínio dos dois caminhos para revolução.
Caminho um, a voz do povo aqui não é a voz de deus,
Se tua casa é de caixote de feira problema seu.
Tanto faz sua filha no motel ganhando trocado,
Tanto faz seu filho com a “Doze” matando vigia no assalto.
Se vier pro asfalto fazer passeata,
Aí o PM te mata, te faz engolir bandeira e faixa.
Caminho dois, desconhecendo cenário político,
Onde jogar granada, quem é o nosso inimigo?
Entendeu por que não tem escola pra você?
Toma UZI e me diz quem tem que morrer.
Não adianta ser milhões se não somos um,
Ação coletiva, objetivo comum.
Discurso ou revólver não interessa a opção,
Sem união é impossível a Revolução.*

Os caminhos apontados no trecho da música *Discurso ou Revólver* faz-nos refletirmos sobre o anseio de mudança que fizeram tais jovens a se identificar com o Movimento Hip-Hop, porém, o mesmo segundo o que nos aponta o Markão II³¹ do grupo DMN, acessor do vereador Netinho de Paula na Câmara Municipal do Município de São Paulo, não criou uma cartilha que desse conta das necessidades dos jovens que estavam ligados ao movimento, se limitando em reproduzir a cartilha de outros movimentos sociais, assim diminuindo sua capacidade de ser protagonista de sua ação.

Como já vimos o Movimento Hip-Hop teve desde a influência do Movimento Negro até a de partidos políticos, que mais recentemente por ter suas imagens desgastadas perante a

²⁹ FACÇÃO CENTRAL. *A Marcha Fúnebre Prossegue*. São Paulo, Sky Blue, 2001.

³⁰ *Ibid.*, *Discurso ou Revólver*.

³¹ Marco Antonio da Silva. Entrevista realizada sob o método de História Oral. 22 set. 2009. Entrevista concedida a Z. Leal.

opinião pública, passaram a enxergar em figuras do movimento a oportunidade de continuarem com inserção nas camadas populares, já que perderam o elo que os uniam.

Na outra ponta, o Movimento Hip-Hop, pouco tem conseguido se fazer ouvir dentro desses partidos que apesarem de terem um histórico ao lado dos movimentos sociais pouco tem demonstrado interesse em reverter a estrutura social vigente, como nos aponta Aliado G do grupo Face da Morte:

*Longe de rompimento, existe algumas tentativas de reformas que jamais serão feitas com esse congresso que ai está, principalmente a POLÍTICA, você acha que alguém quer mudar as regras de um jogo que ele está ganhando?.*³²

“DE ONDE VIM... PRA ONDE VAMOS...”

*Fico admirado em vê como a rapá se veste,
Fico assustado em vê os estados dos moleques,
Uma vida melhor muitos quê, poucos têm,
Cd que vende milhões nem sempre é antônimo de refém.*³³

Ao escrever essas poucas folhas deu para notar que um movimento não se consolida da noite para o dia e muito menos alcança seus objetivos com um simples estralar de dedos, pelo contrário, é fruto de um processo histórico.

Em grande parte da história do Hip-Hop brasileiro se levantou o discurso de revolução, discurso que ultimamente tem sido redirecionado para o “mercado”, onde alguns integrantes têm feito de tudo para se desvincular do discurso anterior que se não fundamentava um rompimento com o “sistema³⁴” pelo menos o apontava. Aliado G nos ajuda a entender o que tem provocado essa mudança de pensamento:

*“O MERCADO”, muitos falaram em revolução sem saber nada sobre isso, a verdade é que a grande maioria fala mal dos “BOY”, tem uma certa distinção de classe, mas não quer destruir a sociedade de classe, objetiva ascender. Quem nunca comeu nada, quando come uma migalha que cai do banquete da elite pensa que participa do banquete. Mas não, é só migalha mesmo.*³⁵

³² Erlei Roberto de Melo. Entrevista realizada sob o método de História Oral. 22 set. 2009. Entrevista concedida a Z. Leal.

³³ Tristão. In: “Libere os Pensamentos”. Ktarse, Independente, 2009.

³⁴ Usado por grande parte dos integrantes do Movimento Hip-Hop – como mantedor e causador de todas as mazelas que atingem a periferia.

³⁵ Erlei Roberto de Melo. Entrevista realizada sob o método de História Oral. 22 set. 2009. Entrevista concedida a Z. Leal.

Homens e mulheres que ontem eram “meninos e meninas” que acreditavam na transformação social, hoje se perguntam se tal transformação é realmente possível, pois a revolução não veio e muito menos o prometido através dela.

Aqueles que procuraram entendê-la além do que a estrada lhe permitiu, com certeza, hoje tem a clareza de que ela não se daria em duas décadas, e de longe seria fruto de uma classe social que não se vê nos seus.

Ao contrário do MST que cada vez mais vem se firmando como uma alternativa de luta contra o neoliberalismo, apesar de não querer uma revolução, já que sua bandeira de luta é a reforma agrária e não uma revolução agrária, o Movimento Hip-Hop vive talvez um dos seus grandes dilemas: dizer não ao dinheiro e permanecer longe do “show business”, ou dependendo da forma como aceitá-lo acabar transformado em um produto, que logo terá seu prazo de validade vencido.

Como o Dj Cortecertu nos colocou, o Movimento Hip-Hop não rompe com as estruturas vigentes, principalmente se usar como espelho o Hip-Hop norte-americano, que discursava:

*Eu vou ter grana, pois tendo grana vou poder me manifestar
politicamente, eu vou poder ver o lados dos meus, do meu povo.
Derrepente se ganha grana isso se dilui (...)*³⁶

Por mais que o Movimento Hip-Hop se originou no Brasil a partir de influência do seu congênere norte-americano, não podemos cair no erro de pensar que trilhar o mesmo caminho é a única alternativa para permanecer vivo. Ao analisar os escritos de Loic Wacquant em *As Duas Faces do Gueto*³⁷ percebemos a necessidade de construir nosso futuro a partir das inquietações que nos afligem e não transportar as fórmulas pré-concebidas.

Por outro lado entendo e compreendo as comparações feitas entre o Hip-Hop e a Tropicália, porém, uma questão é você reivindicar um futuro “garantido” e outra é ter de lutar para “ter” um futuro. Ou seja, cantar sobre um povo é diferente de cantar para esse povo, ou melhor, ser o povo sob o qual canta.

Podemos como outros, fechar os olhos e ignorar à nossa volta, porém, precisamos saber se conseguiremos:

³⁶ Jair dos Santos. Entrevista realizada sob o método de História Oral. 14 set. 2009. Entrevista concedida a Z. Leal.

³⁷ WACQUANT, Loic. *As duas Faces do Gueto*. São Paulo: BoiTempo, 2008.

*Estourar champanhe, com tanto sem teto,
Com um milhão e não sei quantos de analfabetos.*³⁸

A princípio, o envolvimento de alguns no Movimento Hip-Hop deu-se por empolgação como, por exemplo, o do Tita³⁹, integrante do grupo de rap DRM. O próprio Hip-Hop no Brasil se originou da vontade de extravasar as energias, porém, ao longo do seu enraizamento nas bordas da cidade, por vontade própria adotou uma posição de contestação, transformando em música, dança e artes plásticas uma opinião a favor do avanço da luta do povo.

Por mais que erroneamente digam que a história chegou ao seu fim, vejo que enquanto existir vida sobre a face da terra teremos oportunidades de transformá-la. Pois,

*[...] uma ideologia não possui um poder absoluto que não possa ser quebrado e destruído. Quando uma classe social compreende sua própria realidade [...]*⁴⁰

³⁸ O Rap é o troco. In: Mas loco que u barato! Inquérito. São Paulo, Face da Morte Produções, 2005.

³⁹ Carlos Flávio de Souza. Entrevista realizada sob o método de História Oral. 17 set. 2009. Entrevista concedida a Z. Leal.

⁴⁰ CHAUI, Marilena. O que é ideologia. Ed. Brasiliense, 2ª edição, 2006. (Coleção primeiro passos; 13).

2 - OBJETIVOS

O objetivo deste projeto é analisar o Movimento Hip-Hop como gerador de novos sujeitos históricos que vem rompendo o papel de meros coadjuvantes da história a eles destinado pelos “detentores do poder”, que desde a fundação da república os limitam a cumpridores de ordens, excluindo-os das decisões políticas. O eixo principal é diagnosticar os limites dessa ruptura, e, ou até que ponto é uma mera apropriação do discurso transvestido como “transformador”, entendendo que muitos desses supostos sujeitos se adaptaram a lógica do poder estabelecido.

3 - JUSTIFICATIVA

Esta análise se faz necessária à medida que a disputa pelo espaço vem desencadeando uma série de conflitos, tanto no campo do pensamento como no campo de relação social, no qual muitas vezes levam a nos confundir até que ponto há avanços, rupturas ou permanências do paradigma da exclusão.

Através das fontes selecionadas buscaremos investigar se este rompimento é algo realmente que vai no contrafluxo e se proporcionou uma nova dinâmica na disputa desse espaço.

4 - METODOLOGIA

Após a escolha do tema, buscarei referências bibliográficas e teóricas que me possibilitem uma análise aprofundada das fontes colhidas no desenrolar do trabalho.

Essas referências devem me trazer a discussão sobre os temas e subtemas presentes no trabalho tendo como eixo as fronteiras imaginárias ou não e seu rompimento, o Hip-Hop e seu processo de enraizamento e o seu transformar numa das principais armas dessa juventude para tal rompimento.

Além de todas as discussões teóricas proponho ter como base o método de coleta de depoimentos, entrevista a serem realizadas com os integrantes do movimento Hip-Hop, autoridades e pesquisadores, no intuito de compreender melhor o delinear desse processo, indo além dos de órgãos públicos que acabam nos dando uma visão mais formal e não nos permitindo ter contato com as minúcias e peculiaridades que o contato informal nos permite.

5 – CRONOGRAMAS DE ATIVIDADES

O trabalho desenvolver-se-á de acordo com as seguintes etapas:

<i>Etapas</i>	<i>Pesquisa bibliográfica e análise das fontes</i>	<i>Leitura e fichamento da bibliografia e fontes relevante</i>	<i>Organização e análise de dados</i>	<i>Redação preliminar</i>	<i>Apresentação ao orientador</i>	<i>Redação definitiva</i>
Fevereiro	X	X	X	X		
Março	X	X	X	X		
Abril	X	X	X	X		
Maio	X	X	X	X		
Junho	X	X	X	X		
Julho	X	X	X		X	
Agosto						X

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PIRES, João Rodrigo Xavier. Da tropicália ao Hip-Hop: Contracultura, repressão e alguns diálogos possíveis.

Monografia de conclusão de curso. PUC/RJ, 2007.

Motta, Anita – Balbino, Jéssica. Hip-Hop: A Cultura Marginal. Do Povo Para o Povo. Dissertação em Comunicação Social. Universidade Federal do Rio Grande do Norte/RN, 2006.

FELIX, João Batista de Jesus. Hip-Hop: Cultura e Política no Contexto Paulistano. Dissertação em Antropologia Social. FFCLH/USP, 2005.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Literatura Marginal. Os escritores da periferia entram em cena. Dissertação. USP, 2006.

YOSHIMAGA, Gilberto Kurita. Resistência, Arte e Política. Registro Histórico do Rap no Brasil. Monografia de conclusão de curso. UNESP/Bauru, 2001.

ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRESCIANNI, Maria Stella M. História e Historiografia das Cidades, um Percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (org.). Historiografia Brasileira em Perspectiva. São Paulo: Contexto.

SADER, Eder. Quando Novos Personagens Entraram em Cena. Experiências, Falas e lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80). São Paulo: Paz e Terra.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: Arte de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrario: cor e raça na intimidade: In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). História da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

ZALUAR, Alba. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil: In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). História da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

FERREIRA, Jerusa Pires. Campo e Cidade: uma História na voz de poetas e de seus protagonistas. In: Campo e Cidade - Projeto História, nº 19. São Paulo: EDUC, 1999.

VIEIRA, Vera Lucia. Criminalização das Lutas Sociais em estados autocráticos Burgueses. In: Américas - Projeto História, nº 31. São Paulo: EDUC, 2005.

SANTOS, Milton. O espaço do Cidadão. São Paulo: EDUSP, 7ª Edição, 2007.

WACQUANT, Loic. As duas Faces do Gueto. São Paulo: Boi Tempo, 2008.

7 – ANEXOS

Questionário

- 1) Como você vê essa relação entre esses novos “personagens” com essa antiga estrutura enraizada na sociedade que estipula funções hierarquias intelectuais?
- 2) Você entende que há um rompimento com essa estrutura?
- 3) Qual a perspectiva ao seu ver sobre esse rompimento e quais serão as conseqüências disso?
- 4) Dentro dessas perspectivas e “imprevisíveis” conseqüências, você pode me fazer um paralelo do Hip-Hop com outros movimentos que surgiram nessa mesma época?
- 5) Entendendo que grande parte dos movimentos sociais se atrelaram ao Partido dos Trabalhadores, vindo a correr por fora o Hip-Hop e que o mesmo ganha proporções imagináveis, será que temos um movimento avesso as formas das quais se acostumaram a ser fazer disputas políticas?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU LEGAL RESPONSÁVEL

1. Dados de Identificação

Nome :

.....

Documento de Identidade N° :..... Sexo: () M () F

Data de Nascimento:...../...../.....

Endereço:.....N°:.....

Bairro:.....Cidade:.....

CEP:.....Telefone:.....

II – DADOS SOBRE A PESQUISA

1. Título do Protocolo de Pesquisa: Eles Pensam!?

Pesquisador: Zenildo Leal

Documento de Identidade N° :41.504.337-2 Sexo: (x) M () F

III – Sobre o Projeto – Hip-Hop e os novos sujeitos históricos

O objetivo deste projeto é analisar esse rompimento que vem se desencadeando e como o Estado e os “detentores do poder”, do qual está a serviço, vem interagindo com o acontecimento.

Esta análise se faz necessária à medida que a disputa pelo espaço vem desencadeando uma série de conflitos, tanto no campo do pensamento como no campo de relação social, no qual muitas vezes levam a nos confundir até que ponto há avanços, rupturas ou permanências do paradigma da exclusão.

IV – ESCLARECIMENTOS

1 - Fica garantido o acesso, a qualquer tempo, às informações sobre o resultado da pesquisa e de qualquer outra informação relacionada à mesma.

2 – Para qualquer dúvida que houver o endereço e telefone para contato será:

Pesquisador – Zenildo Leal

Rua Rua João Carlos de Oliveira, 836 – Recreio Sertãozinho/Suzano-SP.

Telefone – Residência - 4752-4062 Celular – 9 8340-1673

3 – A qualquer momento poderá pedir sua retirada da pesquisa.

V– CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador